

Mudanças radicais

A vibrant, stylized illustration of a woman with dark hair reading an open book. The woman's face is pale with a prominent red nose and closed eyes, suggesting a state of deep concentration or immersion. She is wearing a red top. The background is a complex, abstract collage of geometric shapes and colors, including green, orange, and red, with some elements resembling leaves and books. The overall style is reminiscent of mid-century modern graphic design. The text 'Mudanças radicais' is overlaid in the center in a black, sans-serif font.

Capítulo I

Acabo de chegar da escola; e minha mãe estava colhendo frutas e vegetais ao lado de meu irmão Sérgio; que segurava um cesto marrom. Olhei para o cesto; que já estava deteriorado e roto, pois usamos ele para colheita este tempo todo. Ela levantou-se e foi pegar um outro cesto que havia comprado na cidade; enquanto ele me olhava com certa seriedade. Éramos netos de um fazendeiro rico; pois meu avô era dono de terra nas grandes fazendas paulistas; além de ter sido de um rico marechal que havia perdido a esposa durante um trágico acidente, mas ela não falava muito neste assunto. No dia do funeral, todos da família choravam e lamentavam a morte do grande marechal Pedro Pascoal Zapata (esse era seu nome). Meus tios se agarraram ao túmulo; enquanto minha mãe, com a cabeça baixa, demonstrava um certo ar de tristeza; mas não via nenhuma lágrima em seu rosto, pois ela as escondia debaixo de seu chapéu preto.

Por ser filha de um militar, era óbvio que ela tinha uma conduta rígida conosco; todo o santo dia éramos obrigados a começar o dia cedo com vários exercícios diários. Um dia, fizemos tantos agachamentos e flexões que eu senti que meus músculos iriam se partir. Segundo as palavras da mamãe, éramos uma família feliz, mesmo apenas com minha mãe e meu irmão; mas Aluísio dizia cursar direito na faculdade. Isso de início enfureceu minha mãe, que queria que ele fosse a um colégio militar; mas antes que chegassem à escola, uma carta foi deixada em cima da cama de Aluísio; dizendo ter saído de Gramados (nosso antigo lar) para ir para Santa Fé (onde moramos agora) em busca de um novo caminho.

Capítulo II

Ao entardecer, estava escrevendo minha pesquisa de 150 páginas; cujo tema era “A História do Brasil”. Estava a todo o tempo corrigindo meus erros de escrita com uma borracha minúscula que estava usando desde o meu primeiro dia de aula, até o tamanho dela era bem pequeno comparado a antes

Na escola, sempre fui caçoado por conta da forma com que me vestia para ir à escola. Todos os dias, usava a mesma roupa de escola: uma blusa azul velha com o brasão da escola estampado na parte esquerda, uma bermuda azul, que já estava desgastada por conta do uso excessivo; tanto que a cor estava clara por conta do desgaste. Enquanto fazia meu trabalho para a escola, Sérgio me atazanou com incessantes relinchos de cavalo; no que eu sempre ignorava sua presença. Afinal, o que não fazem os irmãos um pelo outro?

Na sala de estar, Enguia latia de forma descontrolada para o quintal. Logo comecei pensando que nada que Sérgio fizesse poderia mudar meu humor. O tal homem misterioso atravessou a porteira da casa; e parecia ser bastante cordial; chamando-me pelo nome.

– Olá, jovem Ulisses. Onde está a mamãe? Desejo falar com ela.

Com estranheza, gritei o nome de mamãe; que estava na cozinha usando um avental florido com bordas listradas, um presente especial dado pela vovó.

Tentei apertar meus olhos para tentar reconhecê-lo, mas não tive nenhuma lembrança na minha mente.

Na hora em que mamãe apareceu, ela estava toda feliz e contente; mas ao ver aquele homem em sua casa, sua felicidade passou para um estado de surpresa e depois, de raiva. Pegou uma colher de pau que estava na cozinha e começou a dar várias palmadas naquele homem desconhecido; ao qual citou um nome: Aluísio. Naquele momento, notei que aquele era meu irmão mais velho e corri para dar um abraço, no que também perguntou a mãe sobre Sérgio.

– Não diremos nada a um traidor que desiste da honra de sua família para seguir um sonho estúpido.

Na hora, Aluísio ajoelhou-se e pediu desculpas a mamãe por todo o desgosto que a fizera passar após todos esses anos.

Capítulo III

Quando Aluísio chegou, apresentei-lhe o quadro de nosso avô; que naquele momento disse ter se lembrado do dia do enterro, e acrescentou que eu havia chorado bastante no dia em que ele foi enterrado; chegando até mesmo a quase empurrar o coveiro. Meu irmão chegou da feira com algumas sacolas, já mamãe voltou para a cozinha para conferir a comida.

Na hora do jantar, um estranho silêncio dominou a cozinha; ninguém disse uma só palavra. Eu mastigava a comida lentamente; enquanto mamãe e Sérgio olhavam para Aluísio com um olhar penetrante e ameaçador que o deixou atônito.

Ele disse que conseguiu ganhar muito dinheiro com suas músicas, e a cada dia que passa elas ficam cada vez mais famosas. Mamãe foi até o quarto para preparar um lugar para Aluísio dormir, arrumou um colchão de palha para que ele pudesse se deitar.

Ao amanhecer, saímos para a colheita de milho e ervilhas; Sérgio foi para o campo para pegar algumas cenouras para preparar um delicioso bolo para ele.

Aluísio, entretanto pegou sua mala e disse que voltaria para São Paulo, para cuidar de sua esposa e filha. Com insistência, mamãe pediu para que ele ficasse conosco; o que obviamente ele concordou. Ligou para sua esposa que estava em casa, com uma criança no colo e imediatamente pediu para que ela viesse até ele. No início, ela disse estar ocupada com as roupas da pequena Rosalina.

Capítulo IV

O galo cantou da janela do nosso quarto; e nisso todos levantaram para os afazeres domésticos. Ao passo de um minuto, acordei e fui até o banheiro para tomar um delicioso banho de tina. Após sair do banho, escutei um barulho bem estranho; parecia o barulho de uma metralhadora, e o barulho alto acabava não incomodando Sérgio, que tinha o sono forte como o de uma rocha. Olhei para onde o barulho vinha, e Aluísio estava dormindo e roncando,

Olhei para onde o barulho vinha, e Aluísio estava dormindo e roncando, parecia estar fazendo barulhos de motor. Aquilo era muito engraçado; soltei uma gargalhada que antes cobri com minha mão para que não os acordassem.

Fui para a cozinha. Já estavam em cima da mesa uma caneca inteira cheia de café e alguns biscoitos; decidi olhar para dentro da geladeira e estava um bolo de morango com uma deliciosa cobertura de chantilly; naquele instante comecei a salivar por conta do bolo, mas não queria me atrasar para a escola. Peguei apenas um pedaço do biscoito da mesa e saí correndo para o ponto de ônibus.

Na escola, todos estavam falando sobre meu irmão, sobre o quão famoso ele se tornou, algumas meninas até disseram que queriam se casar com ele. Acabei ouvindo a conversa das meninas e me exaltei, quase querendo subir em cima da mesa e dizer alguma coisa para confrontar as meninas, mas apenas abaixei minha cabeça e me mantive quieto, sem dizer uma palavra.

Capítulo V

Na aula de português, o professor Valério se mostrava preocupado; rangia as unhas na mesa, seus dentes tremiam e seus olhos pareciam estar alterados por parecer passar dias e noites sem dormir. Cheguei para perto dele e vi que o homem dormia como um pássaro; e a princípio não entendi o que se passava, pois o homem era uma muralha: sempre vivia fechado e nunca contava sobre sua vida para ninguém (nem mesmo para nós).

A esposa do professor era uma pessoa bondosa e muito caridosa; seu filho no entanto era um garoto mimado e sem educação alguma para com as pessoas. Este garoto, com o nome Herbert, era muito rico e sempre esbanjava coisas caras vindas diretamente da França; como sua mãe, D. Louise, que como mencionei, era bem diferente de seu filho.

Na volta para casa, conversávamos sobre o professor Valério; e nos perguntávamos o porque ele estava daquele jeito. Monique, que tinha fama de

delatora, foi até nós para explicar toda a situação. Segundo suas palavras, ele havia descoberto que Louise estava grávida; mas não sabia se o filho era dele ou não (afinal, ainda não existia DNA) . Decidiu ficar calado e não contar uma palavra sequer, e secretamente ele bebia e fumava escondido de sua esposa e de seu filho.

Olhei para o lado, e lá estava Herbert; que não parecia muito feliz. Estava com uma fria expressão no rosto, e mal olhava em nosso rosto. Tentei chamá-lo para conversar, mas meus amigos me puxaram pela gola da camisa; falando para que eu não converse com ele pois ele não queria em hipótese alguma ser incomodado.

Capítulo VI

A chegada da esposa de Aluísio foi uma grande surpresa para mim e para meu irmão. Fomos até a estação montados no Ricochete; um antigo cavalo de

guerra que antes pertencia ao meu avô; ele até usava o brasão militar na sela como um último pedido de meu avô, pois ele sempre dizia que seu amigo estaria com ele mesmo após a morte. Mamãe pegou a sela de Ricochete e a colocou em suas costas, enquanto eu colocava minhas roupas para buscá-la na estação de trem.

Levei tempo para chegar à estação, pois Ricochete sempre dava uma de cavalo teimoso e empacava bruscamente no meio do caminho. Mesmo com as dificuldades e teimosias, consegui chegar até o centro da estação, onde todos estavam visitando seus parentes; por este motivo todas as pessoas de diferentes estados vinham para o litoral.

Peguei as malas de Danúbia, que estava com sua filha Rosalina ao lado; a garota chegou perto de mim e me cumprimentou formalmente. Senti naquele momento uma emoção que ultrapassa o amor platônico; e vi uma chance de esperança naquela menina.

Colocamos as malas de Danúbia e Rosalina na carroça e partimos para nossa casa, onde Sérgio já

nos aguardava

– Onde está a mamãe, Sérgio?

– Mamãe foi até o mercado e me deixou no comando.

Sérgio naquele instante estava tentando acender o fogão; enquanto Danúbia decidia onde colocar as malas que segurava. De imediato, peguei-as e as coloquei pela escada acima; em direção aos quartos. Luzia, no entanto, procurava algo para fazer; e no meio de tantas malas, decidi levá-la para o meu quarto a pedido de meu irmão.

Segurei as malas com muita força, pois as mesmas estavam pesadas; Luzia logo segurou duas delas para poder aliviar meus pesos; e aquela atitude foi de grande ajuda. Soltamos cada uma das malas no quarto de hóspedes; onde estava uma baioneta sem balas e uma antiga foto de meu avô já quase deteriorada por conta do tempo. Na foto em questão, meu avô vestia uma camisa de manga comprida (eu acho que era de cor laranja) e em sua mão segurava a baioneta com uma séria expressão no rosto.

Capítulo VII

Explicar os traumas de minha mãe com relação ao meu avô foi difícil de engolir, mas tentarei explicar exatamente o que me contaram, tintim por tintim.

Tudo começou em Ilha Segura com um jovem chamado Ricardo Valêncio; que saiu da cidade de Ilhabela para tentar uma nova carreira em Santos; desde cedo começou sua carreira como engraxate na vila Matilde, e sempre encontrava grandes autores e pessoas famosas, como Manoel Herzog, Domingos Olímpio entre outros.

Um destes clientes era um homem de meia idade usando um terno com uma gravata de cor diferente todo o dia; um dia usava uma gravata de cor laranja, outro dia usava uma gravata de cor vermelha. Estes dias ao lado dele estava uma moça muito bonita, com olhos cor de âmbar e um belo tom de pele. Esta beldade se chamava Olinda Mascarenhas, e era uma dama aficionada por literatura. Em grande parte de seu tempo, lia grandes clássicos que chegavam na cidade; tais como *A Escrava Isaura* e *O Alquimista*.

Ela sempre saía da biblioteca com um novo livro em mãos; pois a moça devorava quase dez livros por dia, o que era considerado um feito incrível na época.

Bom, Olinda estava já em seu vigésimo livro, Dona Guidinha do Poço. O livro em si era uma pequena releitura de um caso de assassinato que chocou a todos os cearenses; ainda passou em todos os jornais da época: o caso Marica Lessa.

Concentrava-se na leitura, atenta como um esquilo. O engraxate se concentrou no longo sapato encourado do general Zapata, porém se distraía com a beleza de Olinda; que passeava lentamente pela Ponta da Praia. O homem olhava a expressão passional do rapaz com atenção, levantou um pouco a sobrancelha; mas no começo não disse nada. Isto acabou se repetindo várias vezes, até que o general olhou para ele e disse: – Escute aqui, meu jovem. Não é possível que se passe três dias sem que você olhe para esta moça com olhar apaixonado. Esta a qual olha é minha filha, e não poderei deixar que um sapateiro pobre como você chegue perto dela, ouviu?

Naquele momento, o rapaz soltou um suspiro de surpresa; pois realmente não sabia que aquela menina era filha de um grande empresário como ele o era. Seu nome era Pedro Pascoal Zapata, que perdeu a esposa após a mesma morrer de uma doença desconhecida; deixando sua pequena filha como única fonte de amor; mas antes dela morrer, ambos haviam feito a promessa de que se casariam com um dos maiores donos de gado do mundo.

Até a idade adulta, Ricardo continuava trabalhando como engraxate; isto até completar vinte anos, onde teve de ser chamado para lutar numa guerra.

Foi naquele instante que Olinda e Ricardo se apaixonaram, mas não de uma forma clássica; como os filmes fazem. Foi desta forma:

Todos estavam em posição de batalha, atirando nos inimigos e de olho em sua retaguarda; que estava quase sem soldados. Repentinamente, um dos inimigos de origem turca atirou na perna de Ricardo; que saiu mancando do campo de batalha. Olinda, que havia aceitado o posto de enfermeira na guerra para ajudar os soldados feridos, indo contra as ordens de

seu pai.

Após a guerra vencida, o general perguntou se havia alguma perda de soldados durante o conflito; no que ninguém respondeu. Enquanto isso, Olinda com o olhar frio e o semblante assustado olhou para baixo com um certo medo; enquanto o general a encarava com ar sério e atento.

Dirigiu-se até sua sala com certa seriedade; mas ela estava atenta o encarando com certo ar de desespero e o frio suor vindo de seu rosto mostrava nitidamente o medo que ela estava sentindo.

Olinda voltou a enfermaria para ver o soldado ferido em batalha, notou que aquele era o sapateiro que sempre engraxava as botas de seu pai; Ricardo abriu os olhos e viu o lindo rosto de Olinda frente ao seu; a aproximação dos dois resultou num beijo que foi lembrado por anos.

Passado algum tempo, ela se casou com um homem chamado D. Juarez de Sevilla; um homem vindo da Espanha, amigo de seu pai. O que não sabia era o que tinha por trás da face daquele que se dava por trás de

bom moço era um ser irreparável e incorrigível. Toda semana em que acontecia uma reunião de família, a pobre Olinda estava ora com o olho roxo, ora com o rosto inchado. Isto preocupava os moradores, sobretudo a uma criada chamada Úrsula; que se assustava a cada vez que via sua senhora com marcas de unhas se arrepiava; ao ponto de chegar a desmaiar na frente de todos.

Cansada de uma vida coberta de violências e humilhações, teve um plano: esperou anoitecer para que pudesse escapar. A mulher estava varrendo o corredor quando ouviu sua senhora lhe chamar para seus aposentos. A moça gritou desesperada, enquanto Olinda tentava acalmar a moça; conversou com a mulher a sós, no que ela decidiu ajudar. Úrsula então pegou alguns cobertores e vestidos e começou a trazê-los lentamente; enquanto jogavam a corda improvisada pela janela para escapar.

Após descer da alta janela do quarto, Olinda correu para bem longe da casa; porém acabou tropeçando em alguma pessoa que estava dormindo no meio da rua pois estava um cobertor verde jogado no chão.

O homem se levantou, esfregando seus olhos embaçados por ter acordado. Olinda pediu desculpas ao homem misterioso e surpreendeu-se ao perceber que era o mesmo soldado ferido que ela socorreu na guerra de Travel, que aconteceu há meses atrás.

O amor deles resultou em encontros e mais encontros, isto para que eles pudessem se conhecer melhor. Sempre se encontravam no restaurante às escuras para não serem vistos pelo pai de Olinda; que sempre passava pelo restaurante para sua caminhada matinal.

Ricardo era órfão, que tinha sido deixado no orfanato Santa Madalena, em Vila Dourada. A freira que cuidou dele era uma parente de uma tia distante, que ele nunca conheceu; e que quando criança ele fugiu do orfanato, deixando para trás um mundo que ele conhecia. Na adolescência, tentou trabalhar para ganhar a vida; mas todos os empregos se davam por fracasso: alfaiate, candeeiro, guarda-livros... todos estes o faziam ser demitido.

No dia do casamento, que aconteceu de forma sigilosa na igreja Santa Rita, veio Úrsula e seu pai;

Na hora da cerimônia, Pedro olhou o vestido da tal noiva e chorou de felicidade. A noiva, entretanto, olhava para o pai enquanto o véu cobria seu rosto. Pedro, porém, reconheceu o noivo gritando repetidas vezes: É ELE! SAIA DAQUI, AGORA. Sua raiva acabou sendo tamanha, que acabou levando ele a um infarto no coração e, conseqüentemente, à sua morte.

Alguns dias depois, viera o tabelião da casa para decidir o destino da herança. Todos os irmãos de Pedro esperavam uma grande fortuna em suas mãos; não fosse por um pequeno detalhe: ele tinha apenas alguns bens e propriedades em seu nome, uma delas era uma fazenda enorme que foi herdada por seu avô e posteriormente por seu pai. Assim aconteceu: eles tiveram uma grande vida e deram um enorme passo para o futuro; logo depois os netos de Pedro nasceram: Aluísio, Ulisses e Sérgio. Ricardo parou com o serviço de engraxate e tornou-se relojoeiro; e isso durou apenas duas semanas, quando foi noticiada uma doença no pulmão; que meses depois acabou causando sua morte.

Por essa razão, Aluísio abandonou a família para que a mãe não ficasse desolada e abandonasse a fazenda; o menino tinha treze anos quando tomou esta decisão. Após isto, Olinda continuou na fazenda com seus três filhos; e o posto de relojoeiro ficou com o irmão de Ricardo dias depois da morte do mesmo.

Capítulo VIII

Voltando ao caso da chegada de Danúbia: em seu primeiro dia não quiseram se acostumar com isso (isso ao menos era com ela); olhava para o lado para onde estava sua filha; mas notou que ela não estava mais lá. Mamãe então disse que ela estava me ajudando com as malas lá em cima, então a preocupação dela diminuiu.

No andar de cima, eu já estava ao lado de minha sobrinha Rosalina; enquanto a menina me perguntava sobre todo e qualquer tipo de estereótipo de quem vive no litoral, e um deles era sobre o fato da tribo indígena ser hostil— isso porque não somos

caïças ou caetés–; sobre isso, acabei dando uma explicação tão detalhada e profunda que eu mais me parecia com o meu professor, no que a pequena acenou a cabeça concordando.

Como prometido, fomos até o meu quarto mostrar a minha coleção de livros; e a reação de Rosalina foi imediata; viu a grande coleção de livros de capa dura e me perguntou se poderia pegar algum deles para ler na varanda.

Quando a pequena foi ler o livro, ouviu um forte estrondo de um trovão que acabou sendo notado por Danúbia.

– Isso é muito comum, querida. Por sorte ainda temos leite e pão para o café da tarde. Não é, meninos?

– Sim, senhora–, respondemos.

Ainda preocupada com sua filha, chegou perto de mim e perguntou-me onde ela estava

– Não se preocupe, eu disse. Sua filha está na varanda, lendo um livro.

– Tem razão, é... como você se chama, garoto?

– Me chamo Ulisses, Danúbia.

Mamãe se aproximou de sua nora, e pediu para esperar a chuva passar. Jasmim viajava nas aventuras que tinham no livro, e em alguns momentos até olhava para o céu imaginando os personagens e cenários do livro cumprimentando-a e até conversando com ela.

Em sua primeira noite, a pequena Angela dormia comigo e com meus irmãos, enquanto sua mãe dormia ao lado do marido no quarto de hóspedes.

A garota olhava para o céu, e daí em diante me enchia novamente de perguntas. Como nós nascemos? Como fomos criados? O que é a vida? Estas questões me fizeram coçar a cabeça, confuso. E naquele momento, percebi a pureza daquele doce anjo.

Capítulo IX

Ao amanhecer, Aluísio e sua esposa já levantaram da cama para preparar e buscar mantimentos para o café da manhã. Enquanto isso na escola, Monique

olhava para o rosto de Herbert; o coitado estava cada vez mais cabisbaixo do que nunca. Não parecia mais o mesmo rapaz valentão que vinha nos ameaçar com um soco ou uma bordoadada; o sujeito que antes era um valentão que adorava caçoar da cara das pessoas hoje está a um passo de conhecer o seu pior pesadelo.

Naquele instante, percebi mais do que nunca que o rapaz precisava da minha ajuda e decidi conversar com ele; mas sempre que eu tentava me aproximar para perto dele era sempre impedido; ora por Monique, ora por qualquer outra pessoa.

No momento da aula, o professor Valério havia se demitido, o que fez Herbert se debulhar em lágrimas. O diretor da escola deixou as aulas de português e matemática com uma professora substituta chamada Priscila Oliveira. Esta, diferente do professor Valério, não era tão rígida assim. Usava sempre um óculos fundo de garrafa, era muito jovem para a idade que tem; parecia ter entre dezenove e vinte anos (isso porque estou analisando somente pelo rosto), mas

ao que parece ela mesma mencionou sua idade aos alunos: trinta e dois anos.

Ela queria nos conhecer melhor, falar sobre nossos hobbies e nossos sonhos para o futuro. De uma forma surpreendente, ela disse que escolheria os alunos um a um; na vez de Herbert, nada falava. Nenhuma palavra sequer saía de sua boca (na verdade, ele não falou nada desde que entramos); então a professora ficou confusa no início, mas continuou a chamar os alunos— na verdade, eu sabia o que estava acontecendo.

O sinal tocou, e todos foram para casa. A professora, no entanto, queria entender o que se passava com este aluno silencioso. Na hora de voltar para casa, ela pegou o ônibus ao nosso lado; o que acabamos achando estranho no início. O pobre Herbert estava num canto vazio, em posição fetal chorando secretamente.

Ela chegou perto do jovem garoto e colocou a mão em suas costas, consolando-o; mas acabou recebendo um caloroso abraço, seguido de muitas lágrimas em seu rosto. Todos que estavam

no ônibus choravam junto dele; e percebi mais do que nunca que Herbert precisava de ajuda. Cheguei para perto dele e abracei-o, nós todos do ônibus também o abraçaram.

Capítulo X

Enquanto isso, começava um novo ciclo para a família de Aluísio; minha mãe começou a ensinar sua nora a plantar e colher frutos; desde alfaces e tomates a cenouras e cebolas.

Quanto a mim, eu vigiava a minha sobrinha que brincava nos campos de maçã, acabou até mesmo avistando uma maçã na árvore e pediu gentilmente para que eu a pegasse (já que eu era mais alto). Peguei a maçã e ela imediatamente correu até a torneira do quintal para lavar a fruta.

Três semanas depois uma grande seca dominou a fazenda e fez todas as plantações murcharem: os rabanetes; antes úmidos, agora estavam secos e murchos; as alfaces já estavam quase murchas,

pareciam flores sem água e as cebolas estavam em tom completamente amarronzado e cobertas por cabelo.

Naquele instante, vi o rosto da minha mãe: ela estava arrasada, pois via naquela destruição todos os seus sonhos e esperanças perdidos. Não conseguimos salvar nada, não fosse pela Jasmim que havia guardado boa parte dos legumes numa despensa perto da geladeira.

Capítulo XI

O tempo passou rápido, e conforme isso acontecia a idade de Rosalina também avançava. A pequenina que antes ajudava a mãe a se acostumar com o ambiente bucólico que era a fazenda hoje se tornou uma moça feita e pronta para casar, segundo o sonho de sua mãe.

Sua idade não mudou muito, pois a mãe ainda olhava para seu rosto e via a imagem de sua pequena filha que brincava e pulava pelos campos, pegando as

bromélias e magnólias que ficavam no jardim de sua casa. Apesar de ser jovem, tinha idade para se casar; não fosse um problema: o pai. Sim, Aluísio passou de um irmão atencioso e gentil a um grande ser maligno e ganancioso. Tanto que nem sua mulher o reconhecia mais como antes. Eu trabalho na relojoaria de meu tio (antes sendo de meu pai), entregando centenas de encomendas para as pessoas de Santa Fé.

No meio do caminho, encontrei-me com Herbert que havia se casado com uma mulher da cidade de Taia, que fica a alguns quilômetros de Santa Fé. Era época de eleição, e na corrida para aprovação da população estavam dois candidatos a prefeito com uma camuflagem de bons moços amigos da população (que nós sabemos que não era bem assim). Ele e seu assessor conversavam à boca pequena sobre um projeto de lei muito rigoroso, que iria contra os princípios de seus moradores; isso tudo para melhorar sua relação com o prefeito, cujo nome era Juraci Carneiro.

Este competia com outro homem, um conhecido de longa data que sempre se encrenca ao tentar pagar as contas atrasadas do bar do Maneca, o Alcides Fonseca, apelidado pelos munícipes de Santa Fé como Berinjela, já que toda vez que nos encontrávamos sempre o via com o rosto roxo e cheio de hematomas.

O telefone que estava na mesa começou a tocar, e fui correndo para atender. Era uma voz irreconhecível para mim (ao menos eu não consegui reconhecer), e era muito grossa para que eu tentasse raciocinar e adicionar; o tal cliente me fizera o pedido. Logo, peguei a caneta tinteiro que estava perto do telefone e o atendi. O pedido me deixou chocada – e espantada também. Ele queria um relógio de pêndulo, e isso me chocou bastante, já que o tal artefato é muito raro de se encontrar. Mesmo espantada, acenei com a cabeça e desliguei o telefone.

Capítulo XI

Rosalina estava na varanda, lendo As aventuras do doutor Bogóloff, de um escritor chamado Lima Barreto.

A cada dia, notava que a pequena se parecia mais com sua mãe do que com seu pai. Rosto angelical, olhos cor de castanha, pele âmbar e jeito de moça sensata que conhece seu valor.

A cada dia, notava que a pequena se parecia mais com sua mãe do que com seu pai. Rosto angelical, olhos cor de castanha, pele âmbar e jeito de moça sensata que conhece seu valor.

Sua beleza encantava jovens mancebos que ficavam dias e noites a farrear como se nada acontecesse (não me refiro a um Mário da vida); assim como em todos os romances de época, apaixonou-se por um pobretão chamado Cornélio. Outro problema nas mãos –além do problema que ocorreu quando meus pais se conheceram, revelada no capítulo 7. Onde está o problema nisso? Você pergunta. O maior problema dele não estava no fato de ser pobre, mas

sim um outro que falarei mais adiante.

Olhei o relógio de pulso: eram oito horas. Saí para a relojoaria entregar o tal relógio de pêndulo ao tal cliente; cheguei no tal endereço e a casa era gigante com muitos detalhes extraordinários. Naquele instante, me senti como num filme grego; mas não deixei esse detalhe me fazer desistir da entrega. Toquei a campainha que estava ao lado da porta, e quem me atendeu foi Herbert; que parecia triste com alguma coisa. Seu rosto parecia cheio de vida, porém o coração estava vazio. Quando me convidou para entrar em sua casa, notei o silêncio constrangedor ao redor. Olhei para ele, enquanto colocava distraidamente o relógio num canto onde estava um busto de cerâmica do Michelangelo; mas a sorte é que não derrubei o objeto.

Após ter colocado o artefato perto de uma vitrola, aproveitamos para colocarmos o papo em dia; mas ao falar de um certo assunto o rapaz se esquivava, falando sobre outra coisa. Não demorou muito até eu notar seu rosto e ter meu semblante destruído: seu

olho estava roxo; quase num tom bem escuro, estava também com um arranhão em seu nariz, sem falar em seu lábio que estava cortado no lado direito.

– Você está bem, Herbert? Parece que está ferido.

– Estou bem sim, Ulisses. Nada com o que se preocupar.

O que aconteceu com a mãe de Herbert para que ela agisse assim? Bom, desde que d. Louise se divorciou do senhor Valério; ela passou por vários processos de tristeza e sofrimento, chegando até mesmo a se deprimir. Algum tempo depois, ela começou a se prender ao alcoolismo –sim, mesmo ela sendo uma moça bondosa e amorosa, ela acabou neste destino terrível –. Isso acabou deixando-a estável e violenta, descontando sua raiva e ódio em seu filho, que sempre estava pronto para ajudar.

Capítulo XIII

Ainda estávamos em época de eleição, e ambos os candidatos começaram a fazer propostas e mais propostas em cima de um palanque. A rua estava cheia de pessoas que estavam ouvindo o discurso de dois pilantras caras de pau. Berinjela cambaleava a cada minuto do discurso que fazia; o que me fez perguntar o porquê dele ter entrado nesse barco furado. Enquanto isso, o discurso de seu oponente era pomposo e repleto de rebuscamento. O prefeito Juraci era muito contraditório em seus dizeres: já disse abertamente ao povo que era contra a violência; e ao mesmo tempo foi visto esbofeteando um homem na rua, também disse ser contra o porte de armas; e um dia depois assassinou um homem que apenas tinha derramado café em seu terno. Vá entender...

No dia da votação, foi uma grande bagunça. A cidade inteira ficou na gandaia, bebendo com o prefeito Berinjela; isso acabou resultando em grande parte da população embriagada e logo saiu o resultado, e Juraci Carneiro teve a maioria dos votos.

O homem a quem eu disse que mencionaria não era uma pessoa rica; mas sim um homem com o nome Adalberto Reis. Era pobre, de origem humilde e que acabou conhecendo Rosalina numa biblioteca.

Mas o que ela e os outros não sabiam era sobre um pequeno segredo que ele escondia. Como eu descobri isso? Foi dessa forma:

Foi numa segunda-feira, e eu fazia meu carregamento de relógios como acontecia toda manhã. Enquanto carregava todo aquele peso exorbitante, encontrei um homem de terno e gravata; que usava um óculos e tinha um cabelo curto. Era Cornélio, e ele estava de mãos dadas com uma meretriz chamada Inácia. Na hora, pensei em chamar Jasmim para ver o ocorrido; mas decidi me calar para fazer uma surpresa a todos que vão estar presentes (incluindo a mãe do noivo).

Capítulo XIV

O casamento de Adalberto e Rosalina será agendado para daqui a cinco meses (pouco tempo para um casamento, não acham?). Enquanto isso não acontecia, Jasmim e Danúbia planejavam os detalhes do casamento; mas claro, sem que Aluísio descobrisse.

Falando nele, Aluísio já voltava do trabalho trazendo para a filha uma boneca de pano toda suja (aparentemente de uma outra criança). Chegou em casa para mostrar o presente à Jasmim, mas a mamãe disse que ela já tinha saído há alguns minutos.

– Para onde ela foi, mamãe?

Calou-se. Aparentemente não queria que o filho soubesse do tão sonhado evento para ela; evento este o qual ela não perde por esperar pela surpresa.

Todos da cidade haviam recebido os convites para o casamento; e como fui requisitado para escrever os convites, pus as seguintes informações:

Santa Fé, 18 de Maio

Caros munícipes,

Convido-lhes hoje para a grande cerimônia de casamento de Adalberto Reis e Rosalina Ferreira que terá início no dia 14 de Setembro, na fazenda Zapata.

Obs: venha ao casamento, não importa sua classe.

Será o evento mais aguardado do ano. E no final da cerimônia, teremos uma surpresa especial. Você será mais do que bem vindo a aparecer nessa cerimônia como nosso comensal.

Atenciosamente, Ulisses Paschoal.

Capítulo XV

No dia do casamento, todos estavam presentes: a

família dos noivos, que estavam sentados do lado esquerdo. Mamãe estava chorando aos montes; pois veria a neta se casar pela primeira vez. Ao lado da mamãe, Danúbia também se rompeu em lágrimas; afinal era uma data feliz para todos que ali estavam.

Todos aguardavam pela chegada da noiva ao altar, não fosse por um pequeno detalhe: Rosalina não sabia se o que estava fazendo era certo. A confusão e o medo tomavam conta da noiva, que estava se preparando. Nisso, alguém abriu a cortina para conversar com a noiva: era o noivo, que a viu de forma deslumbrante.

– Você está linda, Rosalina.

A noiva escondeu-se por detrás do véu; mas o noivo desejava ver o lindo rosto de sua futura esposa. As damas de honra imediatamente empurravam suas costas, retirando-o da sala.

Começou a cerimônia; Lourenço, irmão do noivo, acompanhava a noiva no altar, enquanto o mesmo limpava a garganta; pois além do nervosismo havia também o medo de ser descoberto. Aquele era o

momento perfeito para atacar, mas Aluísio que havia voltado após dar comida aos porcos, foi dar um abraço na filha. A cerimônia aconteceu perto de casa, e no momento em que viu a filha com um vestido de noiva, não teve outra: bancou o cão raivoso e decidiu entrar e invadir o casamento, a raiva dele era tamanha que até chegou a morder o segurança. Quando conseguiu entrar, pegou Rosalina pelo braço enquanto a mesma chacoalhava e gritava, pedindo socorro. A chegada do noivo fez algo com Aluísio, que logo o abraçou, reconhecendo-o como “amigo das noitadas”.

Na hora, contei a ela sobre Adalberto estar de mãos dadas com a tal da Inácia; e logo ela também quebrantou-se de lágrimas e começou a bater nele várias vezes seguidas. A mãe não acreditava no filho que ela havia gerado, e aquilo tornou-se um momento vergonhoso para todos ali presentes.

Desde aquele momento, Rosalina se trancou em seu quarto; não como punição de seu pai, mas como castigo por toda sua vida ser baseada numa mentira.

Entrei no quarto de Jasmim para tentar conversar com ela; mas ela se calava como um triste orvalho sem sol.

No dia seguinte, fomos até o quarto para ver Jasmim; tanto que deixei meio turno no trabalho por causa dela. A porta do quarto estava aberta; a encontramos deitada no chão. Tentamos levantá-la; mas ela não reagia de jeito nenhum. Aluísio colocou o ouvido no peito da menina: nenhum sinal que a menina estava viva, pois não sentimos seu pulso. A garotinha que antes era brilho para os olhos, luz para a escuridão, agora virou uma estrela no céu. Após o funeral, minha mãe, meus irmãos e minha cunhada caíram em uma tristeza profunda. Espero que o coração de minha sobrinha esteja sendo protegido e que nunca esqueceremos dos doces passos de minha querida sobrinha Rosalina.